



Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos

Research-experience: reports, bodies and events

César Donizetti Pereira Leiteⁱ
Universidade Estadual Paulista - Julio de Mesquita Filho

Luana Priscila de Oliveiraⁱⁱ
Universidade Estadual Paulista - Julio de Mesquita Filho

Resumo

O presente artigo irá apresentar alguns traços de modos de fazer pesquisa(s) com crianças, produção de imagens, corpos, multiplicidades, linhas e mapas. Pesquisas que escapam às sintaxes pré-definidas e aos termos usuais e que, portanto, têm sido chamadas de 'pesquisas-experiência'. Com esse propósito, o texto que será apresentado toma a forma de breves relatos, 'relatos menores', relatos de minorias, que, compondo blocos, objetivam, a partir das imagens, dar visibilidade aos mundos e aos modos como as crianças se colocam no mundo. Ademais, o que temos como resultado são espaços, percursos, travessias, andanças, chão, crianças... e perguntas: Poderiam essas imagens e as experiências das crianças com as imagens nos dizer algo sobre a Educação? E sobre a Educação Infantil? E sobre as crianças? Poderiam essas situações todas propor um método de pesquisa? Ou ainda, seriam as imagens deslizantes das capturas dos discursos que modulam e modelam nossos modos de fazer pesquisa e pensar a educação?

Palavras-chave: Educação, produção de imagens, infância.

Abstract

This article will present some traces of ways of doing research with children, image production, bodies, multiplicities, lines, and maps. Researches that escape predefined syntaxes and the usual terms, which therefore we have called "research-experience". For this purpose, the text that will be presented takes the format of brief reports, 'minor reports', minority reports, which, by composing blocks, aim, through images, to give visibility to the worlds and ways children place themselves in the world. In addition, what we have as a result are spaces, routes, crossings, wanderings, ground, children... and questions: Could these images and children experiences with the images tell us something about Education? About Children's Education? About the children? Could all these situations propose a method of research? Or yet, would the sliding images of the speech capture modulate and shape our ways of doing research and thinking about education?

Keywords: Education, image production, childhood.

Enviado em: 16/10/19 - Aprovado em: 02/12/19

Primeiros movimentos

Escrever a n , $n-1$, escrever por intermédio de slogans: faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja uno nem múltiplo, seja multiplicidade! Faça linha e nunca ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga... Faça mapas... (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Uma pesquisa tem corpo? Como uma pesquisa ganha corpo? Pode uma pesquisa ter muitos corpos? Quantos corpos podem habitar uma pesquisa? Uma pesquisa ocupa corpos, produz corpos? Quantos corpos habitam o corpo? Quantas pesquisas habitam a pesquisa?

Pesquisar com os corpos. Pesquisar corpos. Corpos-imagens. Imagens de corpos. Imagens de câmeras que capturam corpos. Imagens de corposcâmeras e de câmerascorpos.

Seria possível uma imagemcracia dos corpos? Seria possível uma cartografia-imagética de corposcâmeras?

O que pode um corpo?

O que podem pesquisas de corpos, imagens e câmeras no universo da Educação e da Educação Infantil?

O que podem pesquisas com imagens produzidas por crianças e professoras na Educação Infantil?

...

Este texto irá apresentar algumas linhas, alguns traços de modos de fazer pesquisa/pesquisas com crianças, produção de imagens, corpos, multiplicidades, linhas, mapas. Pesquisas que não permitem protocolos, que escapam às sintaxes pré-definidas e aos termos usuais. A pesquisa com crianças e produção de imagens, perambula pica, vaza rapidinho, vaza 'a jato'. O texto irá apresentar modos de fazer uma pesquisa, em meio a tantas outras, que pula no corpo e, bem por isso, uma pesquisa que implica em uma multiplicidade de modos de escrever. Uma pesquisa que clama, nas suas formas de escrita, por muitos corpos. Uma pesquisa que inventa, uma pesquisa inventiva.

Com esse propósito, o texto que aqui será apresentado toma a forma de breves relatos, 'relatos menores', relatos de minorias. Esses relatos estarão sendo compostos e comporão blocos. A ideia de relatos 'menores' se aproxima da mesma ideia que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), em *Kafka: Por uma literatura menor*, chamam de 'literatura menor', bem como Silvio Gallo (2007), em *Deleuze e a Educação*, chama de 'Educação Menor'. Assim, a ideia de 'relatos menores' aqui se dá como formas que escapam aos ditos modos usuais de produzir os relatos e as pesquisas no campo das Ciências Humanas de modo geral e da Educação de modo particular.

Blocos

- Bloco 1 - Um lado: 'relatos maiores' de proposições usuais

.

Entre as várias proposições mais usuais de fazer um relato de pesquisa, no geral, temos que, em uma pesquisa, 'as coisas devem ser ditas de maneira exata'. Ainda, há formas, maneiras e modos prévios de como as coisas devem ser feitas e ditas, e assim devem ser apresentados os textos nos projetos de pesquisa, relatos de pesquisa e pareceres de pesquisa.

..

Tomando por base as proposições acima apresentadas e as possíveis considerações acerca de uma pesquisa com imagens, produção de imagens por crianças e educação, as mesmas deveriam contar com um roteiro próximo ao que segue abaixo:

1. Deve haver coerência entre a 'fundamentação teórica' e os 'métodos sugeridos' para cumprir os 'objetivos' da pesquisa;
2. Os 'resultados' da pesquisa devem contribuir com reflexões sobre o estudo de crianças, sobretudo em sua relação com imagens e com 'métodos adequados' para esse tipo de pesquisa;
3. O 'método' deve ser explicitado em suas características referentes aos sujeitos e os procedimentos e jamais deve ser apresentado de forma genérica;
4. As caracterizações dos sujeitos – quantidade, idade, local – devem ser delimitadas para que os dados possam ser coligidos e analisados de

forma articulada e explícita com a referência teórica adotada. Privilegie o 'método e o fundamento'.

...

A escrita de uma pesquisa tem seus contornos, contornos estes delineados por uma necessidade marcadamente objetiva, ela começa e termina em torno de um discurso de verdade. Ela cria e faz circular verdades. A escrita de uma pesquisa deve claramente dizer sobre as coisas que investiga, e essas coisas devem ser ditas da maneira correta, da maneira exata. Há formas de dizer, há formas de pensar, há formas de fazer.

E isso tudo não são devaneios sobre os modos como as pessoas reais se relacionam, isso tudo são modos de circulação de formas de pensar e modos de vida que determinam modos de pensar, legitimando modos de vida.

....

Chauí (1994) esclarece que a concepção de homem enquanto objeto de estudo da ciência é recente, surgida apenas no século XIX. Antes, os estudos relativos ao homem cabiam somente à Filosofia. Fica evidente, pelos diferentes focos da Filosofia e da Ciência Moderna, que homem e natureza ocupavam lugares distintos nesse momento. Isso reforçava a percepção já antiga de que "os seres humanos são diferentes das coisas naturais" (CHAUI, 1994, p. 271), evitando que o homem fosse tratado como coisa. Contudo, no instante que as humanidades decidiram buscar reconhecimento e credibilidade, lançaram mão da especificidade do homem, ou seja, "para ganhar respeitabilidade científica, as disciplinas conhecidas como ciências humanas procuraram estudar seu objeto empregando conceitos, métodos e técnicas propostas pelas ciências da natureza" (CHAUI, 1994, p. 271).

Souza Santos (2003) também faz essa identificação e problematiza em torno do que poderíamos chamar de um dualismo entre Ciências Naturais e Ciências Humanas. Ele indica que a ciência moderna se desenvolveu no modelo de racionalidade das Ciências Naturais, e este modelo, pouco mais tarde, nos séculos XVIII e XIX, passa a compor as Ciências Sociais. "A partir de então pode falar-se em um modelo global de racionalidade científica" (SOUZA SANTOS, 2003, p. 10). Desse modo, as pesquisas na época partiam do pressuposto de que "tal como foi possível descobrir as leis da natureza, seria igualmente possível descobrir as leis da sociedade" (SOUZA SANTOS, 2003, p. 18). Essa noção remete ao positivismo

difundido no século XIX por Augusto Comte, no qual a sociedade humana é vista como uma junção de átomos sociais que passam por etapas progressivas de desenvolvimento, começando pela superstição religiosa, passando pela metafísica e indo até a ciência positiva, auge do progresso do homem.

Vale ressaltar que “a concepção positivista não termina no século XIX com Comte, mas será a corrente mais poderosa e influente nas ciências humanas em todo o século XX” (CHAUI, 1994, p. 272), e continua assim ainda hoje.

– Bloco 2 - A dobra do lado

.

Porém, seriam apenas esses os modos capazes de criar a possibilidade de provocar o pensamento? São apenas essas formas, marcadas e definidas por fundamentos e métodos, capazes produzir algum tipo de experiência com o pensamento, com o mundo, com as coisas?

..

O que dizer de tudo aquilo que é abstraído (por muitas razões, interesses) nos relatos de pesquisa? O que dizer sobre o que não ‘deu certo’? O que dizer sobre o que, muitas vezes, fica abandonado nos porões dos estudos, esquecido no percurso, arremessado nas sarjetas e apodrecido no esgoto do esquecimento durante um trajeto de pesquisa?

E ainda: como fotografar a poeira que restou na mesa durante o percurso de escrita sobre aquilo a que escolhemos dar visibilidade? Como escrever ‘com’ uma pesquisa produzida, lascada, forjada com crianças? Como dizer, escrever, fazer o que cabe a uma pesquisa? Como manter vivo o que interessa a e em um estudo e movimentar as ações, os olhares, os corpos, quando se faz uma pesquisa com imagens e crianças pequenas? Como alimentar o que nos instiga e escapa ao corpo, transbordando os limites da cultura e da existência?

...

Pois bem, algumas respostas talvez possam habitar algum tipo de réplica que diga algo a respeito de processos os quais as palavras escritas traem o pensamento do réu, e, bem por isso, o mesmo é condenado, como foi condenado *Menocchio* de Ginzburg (1987). Mesmo feito prisioneiro o corpo, a vontade de

dizer lhe escapou, e as grades não bastaram; a escrita fugitiva aprendeu enfim a dizer as coisas como elas devem ser ditas. É pena, contudo, que o acusador jamais ouvirá ou lerá tal resposta. O acusador era um desconhecido, o réu também um simples desconhecido, o processo era a única ligação entre ambos e assim permanecerá. A decisão final, no caso do processo, muitas vezes é acusatória; no caso da pesquisa, é taxativa: não é pesquisa.

....

Cabe aqui uma réplica poética, uma réplica que escapa aos modelos de fazer pesquisa marcado pelos experimentos.

O fato é que, poeticamente, e parafraseando e adaptando o que nos apresenta Manoel Bandeira (2001) no poema "Poética", ousaríamos dizer que 'estamos fartos das pesquisas comedidas, das pesquisas bem comportadas, das pesquisas funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor. Estamos fartos das pesquisas que param e vão averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo. Abaixo os puristas. Queremos antes a pesquisa dos loucos. A pesquisa dos bêbados. A pesquisa difícil e pungente dos bêbados. A pesquisa dos clowns de Shakespeare. Não queremos saber de pesquisa que não é libertação'. Também ousaríamos nos apoiar na paráfrase e na adaptação de "Receita para fazer um poema Dadaísta", de Tristan Tzara (20--).

PARA FAZER UMA PESQUISA-EXPERIÊNCIA

Tropece em uma ideia, tome-a pra si.

Junte algumas pessoas, interessadas, interessantes, por interesse.

*Escolha um espaço com o comprimento intensivo que pretende dar a sua
pesquisa.*

Corte e recorte, recorte e corte o espaço até novas espacialidades.

*Em seguida, atente cuidadosamente às sensações que compõem o espaço, no
caso, uma escola é bem-vinda, e coloque-as num saco.*

Agite suavemente.

Depois, retire os recortes uns a seguir aos outros.

Transcreva-os escrupulosamente pela ordem que eles saíram do saco.

A pesquisa parecer-se-á contigo.

E você será um pesquisador infinitamente estranho, de uma encantadora sensibilidade, ainda que incompreendido por todos.

- Bloco 3 - Outro Lado, ou como nascem as pesquisas

De alguma forma, sempre podemos dizer que as pesquisas nascem. Da mesma maneira, podemos também falar que as pesquisas têm seus inícios, seus começos, ou, dito de outro modo, suas infâncias. Dessa forma, podemos, então, falar de pesquisas em estado criança.

Motivados por certas inversões nos modos de pensar, nos perguntamos: Como nascem as pesquisas?

E respondemos: Pelas mãos, pelas câmeras, pelos olhos, pelos pés, pelos corpos...



Figura 01

Fonte: CRIANÇAS (2014-2019)

Nos últimos anos, e talvez pudéssemos até arriscar a dizer que nas duas últimas décadas, os trabalhos com cinema e educação têm ganhado bastante destaque. Muitas têm sido as formas de abordagem e os modos de conectar dois campos a princípio tão distintos. Entre esses modos, muitas coisas são feitas em trabalhos de formação docente e nas diferentes modalidades de estudos junto aos professores, seja no que tem sido chamado de formação inicial, continuada, em

serviço e outras tantas formas que se apresentam em cada época. O que temos observado é que as muitas formas de trabalhar com o cinema muitas vezes repetem modelos formativos e outras fazem agenciar campos sensíveis, em que podemos ser tocados no olhar, pelo olhar. Espaços onde ver e olhar não são privilégios de uma parte do corpo, mas sim formas de afetar o corpo, de ver com o corpo. De ser tocado pela materialidade das imagens, por campos sensíveis.

..

Hoje, as experiências cinematográficas, solitárias ou em grupos, estão presentes de muitas maneiras em nossas vidas, nos aplicativos de *smartphones*, em portais na internet, diferentes formas de *streaming*, aparelhos televisivos, cine-clubes, salas de cinema, entre muitas outras formas. O acesso parece mais horizontalizado, mas também nos coloca diante de uma rede de informações que manipulam dados, criam gostos e modos de vida, produzem afetos; são verdadeiros campos onde se faz agir modos e políticas cognitivas.

Em espaços de formação de professoras e professores de Redes Públicas, de várias cidades no interior do Estado de São Paulo, temos podido viver uma multiplicidade de experiências com o cinema. Nesses espaços, temos assistido a filmes e criado momentos efetivos de conversação, discussões e relatos de experiências com o cinema, com a imagem e com a educação. São experiências, por vezes individuais e, em outros momentos, coletivas, de produção de pensamentos, palavras, frases, conversas. Estas, postas lado a lado, muitas vezes criam a necessidade de um jogo compositivo de montagens/edições das experiências vividas, criando um campo e uma narratividade nas quais algumas situações podem 'tomar corpo' e dizer algo sobre a vida. O que muitas vezes percebemos é que estar entre o já dado (pelas imagens, pelas políticas cognitivas e afetivas...) e o ainda não dito (pelos corpos, pelos jogos compositivos, pelas palavras...) faz circular afetos e modos de se colocar nas relações com o outro e com a educação das crianças. São momentos que criam certa necessidade de uma pesquisa que não esteja separada do homem, da vida, que não seja povoada e dirigida por certos distanciamentos sobre aquilo que vivemos, mas em que o pesquisador esteja presente, esteja 'entre' os professores, esteja 'entre' as crianças, esteja em um 'entre' da pesquisa.

...



Figura 02

Fonte: CRIANÇAS (2014-2019)

....

Apesar de existirem delineamentos iniciais, perspectivas, modos de estar com e entre professoras/professores e crianças na Educação Infantil, as pesquisas que temos desenvolvido não criam ou produzem ideias e/ou cenários metodológicos que possam ser pensados ou apresentados como algo fechado e pronto, previamente definido. Temos procurado criar situações em que o percurso, os trajetos de pesquisa sejam campos de visuais dos próprios processos de trabalho efetivo com as professoras e com as crianças.

O campo mais efetivo dessas pesquisas, aqui definidas como 'pesquisas abertas', ganha seus contornos no jogo compositivo entre as experiências que temos – experiências de pensamentos, experiências com leituras, experiências com escritas, experiências com crianças e professoras. Diante de tudo isso, temos nos arriscado a chamar a própria pesquisa como 'pesquisa-experiência'. A ideia é a de que as pesquisas se preocupem com as 'experiências' e, bem por isso, se distanciem da noção de que as investigações são compostas por 'experimentos', coleta de dados e análises. São caminhos a serem trilhados, pistas a percorrer, são imanentes e demarcam estados de presentificação.

.....

Em certo sentido, a expropriação da experiência estava implícita no projeto fundamental da ciência moderna. 'A experiência, se ocorre espontaneamente, chama-se acaso, se deliberadamente buscada recebe o nome de

experimento. Mas a experiência comum não é mais que uma vassoura desmantelada, um proceder tateante como o de quem perambulasse à noite na esperança de atinar com a estrada certa, enquanto seria mais útil e prudente esperar pelo dia ou acender um lume, e só então pôr-se a caminho' (AGAMBEN, 2005, p. 25).

.....

Há muitas maneiras de pensar e tratar a experiência. No campo filosófico, talvez pudéssemos falar que há muitas maneiras de ela ser concebida e pensada desde os gregos até chegar a Michel de Montaigne ou Francis Bacon. Ainda, há as perspectivas empiristas, idealistas, religiosas, estéticas ou pragmáticas. Poderíamos abordar o tema experiência e sua crise como foi bem abordado por Walter Benjamin (1994) ou outros modelos que se colocaram. Porém, entre as muitas maneiras de pensar a experiência, algumas delas relacionam a experiência à ideia de um 'eu', um sujeito da experiência. Talvez desde os *Ensaíos* de Michel de Montaigne (1988) a ideia de experiência sempre nos remeta à necessidade de uma consciência e de que falemos em primeira pessoa. De modo geral, falamos em primeira pessoa quando trazemos a experiência para o centro de algum relato, e este, de alguma maneira, sempre remete à ideia de uma interioridade. É quase como se, nas políticas narrativas da experiência, fosse necessário um 'sujeito' falando sobre si, porém, ao falar sobre si, também saia de si para poder, assim, falar de suas próprias experiências, supostamente internas ao próprio sujeito. São experiências internas e demarcadas por certas temporalidades que alimentam, justificam e legitimam, pelo acúmulo de situações, o seu campo representacional. Parte-se de uma perspectiva em que a linguagem, pela narrativa, possa dar conta total ou mesmo parcialmente daquilo que vivemos. Esse campo representacional coloca a experiência em algo que pode ser analisado, interpretado, coisificado em extratos estanques e seguros, como, por exemplo, muitas vezes acontece no campo das ciências humanas. Não é dessa experiência que pretendemos tratar aqui.

.....

O presente relato se apresenta como materialidade fabulativa entre sensibilidades e experiências vividas e vívidas nos percursos de pesquisa. Escritas, textos, leituras e experiências de pensamentos presentes em afetações nos entres de um trabalho de pesquisa.

O que temos diante de nós é que, em nossas pesquisas, temos oferecido câmeras fotográficas digitais, câmeras filmadoras e *tablets* às crianças pequenas de Educação Infantil. Nesses momentos, com auxílio das professoras, nossa única orientação é que as crianças operem os equipamentos com poucas orientações sobre como fazer. Não temos a intenção de ensinar a produzir um filme que siga qualquer tipo de narrativa, não temos o propósito de que as imagens produzidas tenham foco e que objetivem capturar as tão requisitadas intencionalidades das crianças, não temos a pretensão de que aprendam a lidar com os equipamentos de maneira correta; o que objetivamos é que essas crianças produzam, a partir dos equipamentos, imagens.

Objetivamos também, a partir das imagens, ter visibilidade dos mundos e dos modos como as crianças se colocam no mundo. O que temos como resultado são pés, mãos, olhos, bocas, dedos, cabelos, pelos, dentes, unhas, chinelos, sapatos, gritos, sons, ruídos, palavras, objetos, cenas, focos, desfocos, cadeiras, tetos, chãos, pessoas, meninas, meninos, riscos, riscas, choros. Temos espaços, percursos, travessias, andanças, chão, crianças, crianças, crianças, crianças, crianças...

Poderiam essas imagens e as experiências das crianças com as imagens nos dizer algo sobre a Educação? Sobre a Educação Infantil? Sobre a Educação de crianças? Sobre crianças? Poderiam essas situações todas nos propor um método de pesquisa? Estar definidas por objetivos prévios? Ou, ainda, seriam as imagens deslizantes das capturas dos discursos que modulam e modelam nossos modos de fazer pesquisa e pensar a educação?

.....

O que temos observado é que, por alguma razão forte, desde os primeiros trabalhos que realizamos com produção de imagens por crianças na escola, surge uma necessidade de pensar sobre as experiências do cinema com a 'infância'. Desde então, as palavras foram deixando de ser tão claras, os sentidos foram perdendo seus lugares seguros. O fato em si é que essas relações acabam por escapar a determinações e a proposições de roteiros prévios, daquilo que nos parecia estar na base do que usualmente chamamos de cinema, pois qualquer, qualquer coisa mesmo, que falássemos sobre as produções das crianças poderiam acabar tornando-as isoladas, soltas, avulsas. Nunca vimos ali, nem nas produções, nem nas imagens, nem mesmo nas edições, qualquer sequência que parecesse clara, necessária, prévia, lógica. Também percebemos que, nesses

trabalhos, não há fronteiras rígidas e determinadas entre as ideias, não é possível fazer algum tipo de separação ou de distinção entre as próprias ideias.

Nesse cenário bastante complexo das pesquisas, também nos perguntamos se é possível pensar as pesquisas para além de seus também e tão demarcados roteiros prévios, daquilo que parece estar na base do que usualmente chamamos de pesquisa em educação. Não nos parece possível falar de coisas pré-determinadas acerca das crianças, das imagens, produzir fronteiras rígidas entre as muitas formas de fazer pesquisa.

Temos aprendido, com as crianças, que falar e fazer algum tipo de atividade de produção de imagens com elas, ou seja, que fazer pesquisa com elas se aproxima do cinema e da filosofia, não porque respondam ao que esses tais conjuntos de saberes produzem em nós como referências terminais, dadas e definidas, mas sim porque, na própria experiência, o pensamento assume, como nos ensinam Deleuze e Guattari (1992) em *O que é Filosofia?*, a possibilidade de tomar corpo, tomar verbo no seu próprio fluxo. O cinema, a imagem e a pesquisa podem, nas mãos das crianças, serem outras coisas, podem criar acontecimentos, intensidades de fluxos que escapam a modulações calculadas e emergem sempre no entre, entre dois, no entre equipamentos e nos corpos e nas mãos das crianças, entre olhares e modelizações nos modos de ver e dizer sobre crianças, escolas, cinema. São câmeras-corpos em corpos-câmeras. E as câmeras e os corpos assim apresentados, aqui, não significam a fusão de dois 'conjuntos' distintos em uma perspectiva binária, que se manteria através da ideia de fusão, mas sim, e de modo geral, significam uma outra perspectiva e uma outra relação entre certa materialidade do mundo e certa materialidade da pessoa – como dobras de um sobre o outro, dobra do corpo sobre o mundo e do mundo sobre o corpo –, de tal forma que esses sejam multiplicidades presentes no mesmo corpo, assim como as muitas pesquisas que habitam o corpo de uma pesquisa.

.....

A perspectiva é a de que, estando submersos na pesquisa desenvolvida no universo da criança, do cinema e mais especificamente da produção de imagens por crianças, ou naquilo que as pesquisas podem produzir em nós, vemos emergir conjuntos e fluxos de possibilidades. Dito de outra forma, aquilo que é modulado, subjetivado por uma ordem específica de composição nos e dos modos de fazer pesquisa, cria em nós modulações específicas de modos de ser e estar no mundo e pode também, respeitando o processo de a singularidade poder ser

de outra forma, ser povoado por outros afetos, estar como imanência naquilo que em nós é potência.

Dessa forma, o resultado do que temos vivido é como o próprio contraponto daquilo que muitas vezes se apresenta quando falamos do cinema. Não temos encontrado, nessas experiências, uma linearidade espaço-temporal que possa garantir uma narrativa pré-definida e pré-determinada, ou mesmo uma narrativa qualquer. O que podemos sempre é tomar contato com nossas sensações e com os modos de afetação que a imagem produz em nós. Nesse sentido, o contato não é algo que pode ser previsto e antecipado, ainda que geralmente pretenda-se assim defendê-lo; não há defesa, não há ataque nas pesquisas com crianças, professoras e produção de imagens na Educação Infantil. O que acontece são encontros, e o contato produzido, presente no momento de encontro, surge como algo que em nós mesmos não podemos definir, não sabemos, ainda não é vivo, ainda não está dado. É virtualidade, é pura potência.

Nesse conjunto de experiências que temos vivido, estamos sempre a nos perguntar se essas experiências – assim como a infância, em suas conexões com o cinema – podem ser antecipadas, ditas e narradas; se é possível pensar um trabalho com o cinema na educação que traga o componente de algo prévio, que possa ser dito, que possa ser definido. Perceber esse conjunto de sensações, que definiremos aqui como blocos de sensações, como conjunto de perceptos e afectos, como esse algo que não está propriamente nas produções das crianças, nem tampouco naquilo que poderia ser caracterizado como dispositivos psíquicos mas, como algo que habita um entre, um acontecimento, uma experiência.

O fato é que, no conjunto dessas experiências com as crianças e com as imagens, não tem sido possível compor um pensamento linear, que tenha começo, meio e fim, como na maioria das vezes um filme tem, ou, dito de modo acadêmico, que tenha introdução, problema, desenvolvimento e conclusão, como uma pesquisa tem. Mas quem disse que somente isso pode ser considerado como um movimento que nos coloca a pensar? Quem disse que somente um determinado tipo de pensamento possa ser considerado ou validado? Quem disse que somente um filme que tenha bem delineada a sua pré-produção, sua produção, sua pós-produção, seu conjunto apresentado na edição/montagem final pode ser posto e dado como um cinema que problematiza, que põe a pensar, que dá a ver?

Então, diante de nossas experiências com cinema, produção de imagens com crianças e professoras será possível pensar que a educação em suas conexões

com o cinema possa ser algo a ser descrito, dito, narrado. Porém, quem disse que a educação pode, ou precisa, ser descrita? O fato é que, diante de tudo isso, não temos conseguido tirar qualquer conclusão. Porém, e ainda na mesma medida, quem disse que se pode, ou que precisamos, ter conclusões acerca da educação? Pode a educação antecipar seus próprios acontecimentos? Pode a educação ser antecipada? Pode uma pesquisa antecipar e ou ser antecipada?

É aqui, nesse ponto específico e diante das questões aqui apresentadas, que ensaiamos algumas possibilidades acerca da pergunta: O que pode uma pesquisa com crianças e produção de imagens na educação e na educação infantil?

- Bloco 4 - Relatos de minorias

.

'Dê-me portanto um corpo': esta é a fórmula da reversão filosófica. O corpo não é mais o obstáculo que separa o pensamento de si mesmo, aquilo que se deve superar para conseguir pensar. É ao contrário, aquilo em que ele mergulha e ou deve mergulhar o impensado, isto é, a vida. Não que o corpo pense, porém, obstinado, teimoso, ele força a pensar, e força a pensar o que escapa ao pensamento, a vida (DELEUZE, 2007 p. 225).

..

Pelas crianças, um povoado universo de sons e ruídos, silêncios e focos – nítidos ou não – rostos, pés, cabeças, chãos e corpos se apresentam, perambulando, dançando, se misturando com outros corpos, se batendo, se tocando, irritando, confundindo. Corposcâmeras, câmerascorpous. Com as crianças e com as imagens, é como se o corpo pensasse, como se pensássemos pelo e com o corpo. Pensamentos sem sentido, com os sentidos rotineiros ameaçados. Ameaças que se efetivam pela invasão, ocupação de um corpo, invadindo outros corpos, outros lugares. Fazer pesquisas com crianças e produção de imagens em escolas de Educação Infantil tem se convertido em uma ameaça ao corpo.

...

Sempre a câmera pode ser parte do corpo e, se retirada, passa a ser amputada, passa a ser mutilada, passa a ser corpo mutilado, amputado. Nessas mutilações e incorporações de e em outros corpos, vemos baba, gosma, bafo, movimentos

disformes, corridas, círculos. Temos vertigens nos corpos-movimentos que se apresentam. Muitas vezes, temos vertigens nas pesquisas que fazemos, elas tocam o corpo do pesquisador.

Deleuze (2007) é preciso ao dizer que

as categorias da vida são precisamente as atitudes do corpo, suas posturas. 'Não sabemos sequer o que um corpo pode'. [...]. Pensar é aprender o que pode um corpo não-pensante, sua capacidade, suas atitudes ou posturas. É pelo corpo (e não mais pelo intermédio do corpo) que o cinema se une com o espírito, com o pensamento. 'Dê-me portanto um corpo' é antes de mais nada montar a câmera sobre um corpo cotidiano (DELEUZE, 2007, p. 227).

Com as imagens que as crianças oferecem, temos corpos produzindo pensamentos, vertigens. Ao olhar para as imagens dessas câmeras-corpos de corpos pulando, correndo, se misturando, gritando, é isso que Deleuze chama de corpo cotidiano, "como isso que põe o antes e o depois no corpo, o tempo no corpo, o corpo como revelador do termo" (DELEUZE, 2007, p. 228).

Os movimentos desses corpos, sendo espaços, uma espécie de espaço fronteira e ao mesmo tempo espaço sem fronteira, são atitudes que nos colocam em contato com uma relação do corpo com o tempo, como esse corpo fora, esse corpo que estando fora se estende no tempo que pode ser rápido e lento, e as câmeras acabam sendo rápidas e lentas, acabam mostrando os tempos rápidos e lentos, é como se de alguma forma mostrassem o antes e o depois, como se o tempo fosse um conjunto de temporalidades.

....

As crianças, pelas imagens, nos mostram que as câmeras não são usadas para filmar, para fotografar, mas como que para brincar. As câmeras desaparecem como equipamentos e reaparecem como corpos. São, assim, usadas para explorar. As câmeras não são mais meio, mas sim extensão do corpo, as câmeras e as imagens são formas e modos de explorar o meio, as espacialidades e as temporalidades. São corpos explorando, montando e sendo montados.

As crianças, com as imagens, nos mostram que talvez as pesquisas não precisem ser 'usadas' para legitimar determinadas perspectivas teóricas, modelos metodológicos, afirmar fundamentos instituintes de formas de poder. Talvez as pesquisas possam ser formas de dar visibilidade aos mundos, possam ser corpos

que nos provocam a produzir experiências de pensamentos, possam ser espaços possíveis para explorar o mundo.

As câmeras, as imagens, as pesquisas não deveriam aprisionar corpos em memórias chip, modular sensações ou legitimar verdades, mas poderiam ser agentes para extrair corpos graciosos.

Mas, há outro polo do corpo, outro vínculo cinema-corpo-pensamento. Dar um corpo, montar uma câmera no corpo, adquire outro sentido: não é mais seguir e acuar o corpo cotidiano, mas fazê-lo passar por uma cerimônia. Introduzi-lo em uma gaiola de vidro ou um cristal, impor-lhe um carnaval, um disfarce que dele faça um corpo grotesco, mas também extraia dele um corpo gracioso ou glorioso, a fim de atingir, finalmente, o desaparecimento do corpo visível [...] é a imagem inteira que se mexe ou palpita, os reflexos se colorem violentamente (DELEUZE, 2007, p. 228).

Nesses movimentos de crianças, apresentam-se imagens que criam em nós sensações vertigens.

.....

Uma espectadora escreve ao cineasta russo Andrei Tarkovski, surpresa de encontrar sua própria infância em *O Espelho*, testemunho e testamento do artista como pôde o autor saber de uma experiência tão pessoal, passada em uma cidade longínqua e dele desconhecida [...] O ritmo do tempo de uma criança, o som de uma fala, uma imagem mal iluminada: a imagem verdadeira revela a realidade, o cinema produz ou inventa uma comunidade (LUZ, 2002, p. 116-117).

As pesquisas-experiência, corporais, sensoriais, vão nos levando a experimentações que escapam às modulações do previsível, do calculável, daquilo que é premeditado nas programações de modos específicos de fazer pesquisa. A infância, pela criança, com as câmeras-corpos, no seu mais comum, nos ensina a criar, recriar, singularizar, pois exprimem “espera, cansaço, vertigem” (DELEUZE, 2007, p. 231), tornando-se um fato, um acontecimento, que só é, enquanto singularidade (a criança), na medida em que se faz com o objeto (câmera). Dito de outra forma, não é apenas na presença do corpo que fazemos pesquisa, mas sim com o corpo.

[...] estende sobre nós uma ‘noite experimental’ ou um espaço branco, opera com ‘grãos dançantes’ e ‘poeira luminosa’, afeta o visível com uma perturbação

fundamental, e o mundo com um suspense, que contradizem toda percepção natural. Produz assim a gênese de um 'corpo desconhecido' (DELEUZE, 2007, p. 241).

Nos movimentos de câmeras-corpos e corpos-câmeras, aprendemos que, por mais que procuremos individualidades, pessoalidades, os desaparecimentos produzidos pelas imagens nos fazem encontrar as singularidades estampadas, tecidas, constituídas, criadas, montadas, parafraseando Deleuze (2007) em *A imanência: uma vida*, nos sorrisos, nos gestos, nas caretas, pois as crianças, em meio a sofrimentos e fraquezas, são atravessadas por uma vida imanente que é pura potência.

.....

Eu estava sentado no chão de uma sala '**de aula**', perto da porta. Observava as crianças explorando câmeras filmadoras, *tablets*, máquinas fotográficas. As crianças tinham cerca de 4 anos de idade. Em certo momento dois garotos se aproximam e me oferecem um carrinho de brinquedo para que eu possa junto com eles brincar. Depois de algum tempo uma das crianças começa a passar um carrinho na sola de minha sandália, enquanto a outra usa meu braço de ponte, para com outro carrinho passar de um lado para o outro de meu corpo. Os corpos das crianças se misturam, buscam espaço, criam espaços, exploram o espaço. Os corpos das crianças rompem, nos movimentos, os espaços dos próprios corpos identitários, misturando braços, pernas, atravessando os sons, criando ruídos marcados por palavras, risos, verdadeiros corpos sem órgãos.

Os espaços vão aos poucos sendo fissurados por espacialidades que criam fluxos e escapam àquilo que é previsto nos modos de pensar as crianças, a escola, as imagens que ali se apresentam e as imagens que as crianças apresentam em suas capturas através dos equipamentos, das tecnologias. Passamos, eu e as crianças, um bom tempo sentados, brincando. Esse momento foi interrompido pela chegada do Diretor da creche, que parou ao lado de fora da sala. Eu me levanto para cumprimentá-lo e saio, ficamos conversando por alguns minutos, até que vemos se aproximando a nós a professora do berçário II de mãos dadas com uma criança. Ao chegar a professora, apontando para mim, ela diz: "ele te viu e me trouxe até aqui". Olho para a criança e prontamente me abaixo até ela, fixamos um no outro o olhar, ficamos na condição de uma verdadeira conversação silenciosa, sem palavras, sem sons, sem ruídos. A troca de olhares durou vários minutos, o silêncio ali instalado era povoado de sensações, de

aprendizagens, de deslocamentos. Ali, pelo olho, pela imagem fixa da criança que se apresentava a mim, pude, ao menos no campo do sensível – no campo sensível –, saber algo sobre pesquisar com crianças, pesquisar com crianças e produção de imagens, pude ver e enveredar por uma rede de saberes que se conectam a afetos, ideias, pensamentos, imagens e montagens. Pude ver, pelo e com o olhar do Joaquim (nome da referida criança), que estar e pesquisar com crianças, professores, produção de imagens na Educação Infantil, tem alguma coisa a ver com procurar formas de dar visibilidade ao que a nós se apresenta; que o que o olho captura e que captura o olhar talvez seja algum tipo de gesto, algum tipo de movimento, algo que suspende nosso fôlego, que nos deixa distante e sem palavras, algo que ensina que a experiência é uma dobra que nos coloca de alguma forma em contato com o fora; que pesquisar e experimentar com imagens, com produção de imagens realizada por crianças pequenas e professores de Educação Infantil é se lançar em uma aventura com o fora, com a infância das coisas, com os 'não sei' de partida e de chegada, com as incertezas, com os medos, com os mundos possíveis.

Referências

- AGAMBEN, G. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BANDEIRA, M. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I**: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHAUÍ, M. As ciências humanas: são possíveis as ciências humanas? In: _____. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994. p. 345- 353.
- CRIANÇAS. **Arquivo de imagens do I-Mago**: Laboratório da imagem, experiência e criação. Rio Claro, 2014-2019.
- DELEUZE, G. **Cinema I**: a imagem movimento. São Paulo: Editora 34, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.
- _____. **Kafka**: por uma literatura menor. [S.l.]: Assírio e Alvim, 1997.
- GALLO, S. D. **Deleuze e a educação**. Juiz de Fora: Autêntica, 2007.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LUZ, R. **Filme e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Édition de Piere Villey avec appendices, sources, index. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1988.

SOUSA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

TZARA, T. **Receita para fazer um poema dadaísta**. [20--]. Disponível em: <<http://www.tyrannusmelancholicus.com.br/cronicas/5059/receita-para-fazer-um-poema-dadaista>>. Acesso em: 1 setembro 2019 .

ⁱ Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1991), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002), Pós Doutorado pela FLACSO Argentina em 2008 e pela Universidade Complutense de Madrid 2012 é Livre Docência pela UNESP em 2011. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Estadual Paulista e foi Professor Visitante na Universidade Católica de Leuven - Bélgica em 2011. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento e da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, infância, experiência, linguagem e ensino e aprendizagem, produção imagética e cinema.

ⁱⁱ Possui Licenciatura Plena em Pedagogia e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Rio Claro). Tem experiência na Educação Infantil como professora e contadora de histórias, sua mais recente atuação foi no âmbito do ensino superior como professora substituta na Universidade Federal do Tocantins (UFT/Palmas), na qual ministrou disciplinas voltadas a Educação Infantil, Estágio Supervisionado, Arte educação, Literatura Infanto-juvenil e Técnicas de Contar Histórias. Participa do I-M@go: Laboratório da imagem, experiência, e cri[er]ção, grupo de pesquisa da UNESP/Rio Claro, e do grupo de estudos em Esquizoanálise da Universidade Federal de Rondônia (UNIR/Porto Velho).

Como citar esse artigo:

LEITE, César Donizetti Pereira; OLIVEIRA, Luana Priscila de. Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 3, p. 153-171, set./dez. 2019.